

# INTRODUÇÃO À ANTROPOSOFIA – parte 1

por Ana Paula I. Cury



Nos séculos XV/XVI, a consciência humana empreendeu um importante passo numa nova direção. Uma nova autoconsciência despertava. Ela queria emancipar-se do antigo dogmatismo eclesiástico e da mística medieval. Assumiu seu lugar frente à natureza considerando-a objeto de pesquisa, pois queria conhecê-la o mais objetivamente possível. Francis Bacon (1561- 1626) foi o intérprete metodológico dessa nova consciência. Ele dizia:

**“Se reduzirmos nossos objetos de pesquisa ao que podemos medir, pesar e contar, poderemos nos assegurar de estar em solo objetivo. Neste, sentimentos místicos não podem mais pregar-nos peça alguma. E se tentarmos compreender as relações entre os fenômenos sob forma de causalidades mecânicas, também aí estaremos em solo firme. Neste, dogmas teológicos não podem pregar-nos mais peça alguma.”**

Esta nova época em que a humanidade entrou no início do século XV caracteriza-se principalmente por uma perda consistente do verdadeiro conhecimento sobre a entidade do ser humano. Essa perda acompanhou os grandes progressos da ciência na investigação da natureza e o surgimento das tecnologias resultantes, as quais imprimem seu cunho sobre o mundo atual em escala cada vez maior. Entretanto tal perda causa uma intensa insatisfação nas camadas mais profundas da alma humana, suscitando ainda perguntas existenciais, que,

não obtendo respostas, tornarão cada vez menos possível uma existência humana digna na Terra.

Isso me remete a algo que Rudolf Steiner disse, em um ciclo de conferências proferidas em Dornach entre os meses de janeiro e fevereiro de 1924: “quando observamos hoje as pessoas que se elevam acima da superfície da vida, vemos que nelas foram renovadas antigas sensações, frequentes em cada alma humana. Vemos que as pessoas têm graves perguntas em seu subconsciente, perguntas que não podem ser formuladas com clareza pelo pensamento, e que também não podem encontrar resposta no mundo civilizado. Não obstante, tais perguntas existem, estão profundamente arraigadas num grande número de pessoas e estão presentes, de fato, em todos os seres pensantes da atualidade. Quando essas perguntas se expressam em palavras, parece de início que elas estão muito distantes, quando na verdade estão bem próximas! Elas estão na vizinhança mais imediata da alma do indivíduo pensante.

De início, podemos expor duas questões da mesma esfera de enigmas que oprimem hoje as pessoas. Uma delas surge para alma humana assim que ela olha para a própria existência e para o mundo que a circunda. A alma vê o homem entrar na existência terrena através do nascimento, vê a vida transcorrer entre nascimento e morte física, e passar pelas mais variadas experiências exteriores e interiores. Vê também fora, na Natureza, toda a quantidade de impressões que recebe e preenchem gradativamente a própria alma.

Então, a alma humana presente no corpo observa, sobretudo, que a **Natureza recolhe tudo aquilo que a alma vê na existência física; que na morte, ela acolhe o corpo físico e o que ela faz dele? Aniquila-o.** Isto causa uma profunda impressão sobre o que acontece à alma, sempre que ela observa o que se passa com o instrumento através do qual são executadas todas as ações humanas entre nascimento e morte. Então olha para a Natureza e diz: “A Natureza que faz brotar de seu seio a mais prodigiosa cristalização, que faz surgir por encanto plantas germinantes a cada primavera, que preenche a Terra das mais variadas espécies animais, que ergue a água e a dispõe em nuvens, esta mesma natureza procede de forma a reduzir a pó o que o homem traz consigo entre nascimento e morte. **A Natureza com suas leis é destrutiva para o ser humano. Ela não sustenta o corpo humano. É o que o ser humano vê; embora ele não forme ideias a respeito, tem essa compreensão profundamente arraigada em si mesmo, em especial quando se encontra diante da visão da morte.** E então surge-lhe a pergunta: De onde vem a configuração humana? Vejo as formas admiráveis do cristal, das plantas, dos animais, como os rios correm pela Terra, vejo as montanhas, e mesmo assim, a figura humana não pode vir disto tudo, porque tudo isto só tem a força de aniquilamento, de pulverização da configuração humana como tal.

E aí, na antevisão da morte, surge angustiante a pergunta: De que mundo provém a configuração humana, uma vez que o ser humano, com sua forma, não pertence a este mundo? **O homem está na Terra e tem no fundo da alma o sentimento de não pertencer a ela, de que deve existir outro mundo do qual ele tenha surgido com sua figura.** A qual dos dois mundos pertence? Quando o ser humano considera sua existência física que é seu instrumento entre nascimento e morte, ele sabe bem: Sem este mundo físico eu não poderia viver a existência terrena, porque tenho de continuamente contrair empréstimos com a vida no mundo sensível. Mas no mundo visível, em parte alguma do

exterior se pode encontrar este meu próprio ser. Que faço eu, através do meu próprio ser, com o bocado que pus na boca, com o gole de água que bebi? **Quem sou eu que recebo as substâncias da Natureza e as transformo? Quem sou eu? De onde venho? É o que ressoa no coração das pessoas de hoje. Esta é a grande pergunta.** E, se as pessoas estão insatisfeitas com o que lhes é oferecido pela Ciência moderna, é porque trazem no fundo da alma este questionamento que as ciências estão bem longe de abordar.

Houve no passado uma ciência que falava sobre esse mundo desconhecido. Mas a consciência moderna deixou essa ciência antiga se perder. Ela não vale mais; foi transmitida, mas não é mais válida.

Ela já não é considerada para responder à pergunta angustiante que brota destes dois fatos subconscientes. Então se oferece ao homem uma segunda possibilidade: a Arte. Mas, hoje, onde está o artista que sabe empregar a substância física terrestre de modo que esta substância mostre o reflexo daquele outro mundo ao qual o homem verdadeiramente pertence?

A terceira tradição do passado é mantida pela Religião: ela aponta para o sentir humano, para a devoção humana por aquele outro mundo. E a antiga religião era revelação cósmica. Revelação cósmica na hora do nascimento e na hora da morte. Ela permaneceu conservada em uma literatura alheia ao mundo, distante do próprio mundo. O homem da civilização contemporânea não pode mais distinguir nenhuma relação entre o que foi transmitido como conteúdo religioso e o que agora é um enigma angustiante.

Portanto, a Ciência dos antigos tornou-se decadente, a Arte antiga não é mais sentida em sua interioridade e o que lhe é apresentado como substituto é algo que o homem não pode elevar até o irradiar do espiritual na substância física. A religiosidade dos tempos antigos permaneceu, mas não se vincula ao mundo em nenhuma direção, porque apesar dela, o mundo permanece um enigma no que diz respeito ao ser humano.

**Assim se encontra o ser humano diante do universo. Onde está o conhecimento do mundo que faça jus a estes sentimentos?**

A Antroposofia gostaria de ser esse novo conhecimento do mundo; ela gostaria de falar sobre o mundo e sobre o ser humano de maneira a suscitar por sua vez, algo que possa ser compreendido pela consciência moderna, assim como a consciência antiga compreendeu a Ciência, a Arte e a Religião antigas. A Antroposofia tem sua imensa tarefa através da própria voz do coração humano. Ela não é senão o profundo anseio do ser humano do presente. É isso o que a Antroposofia quer ser, meus caros amigos. Ela corresponde ao que o ser humano anseia mais intensamente para sua existência interior e exterior.” (Antroposofia, um resumo 21 anos depois)

A Antroposofia, como Ciência Espiritual moderna vem hoje ao encontro dessa nova busca pelo cerne do ser humano. Em sua autobiografia (Minha Vida) Rudolf Steiner caracterizou esse problema da seguinte maneira: “o mundo todo, exceto o ser humano, é um enigma, o verdadeiro enigma cósmico; e o próprio ser humano é a solução”. De acordo com essa afirmação condutora, é preciso em primeiro lugar solucionar o enigma do ser humano,

constituído principalmente da entidade do Eu e da consciência do Eu relacionada à primeira, para então ser possível reconhecer corretamente os distintos âmbitos do mundo à nossa volta. O cerne do ser humano, porém, não possui suas raízes no mundo físico-sensorial, mas no mundo espiritual, portanto, este deve ser investigado no intuito de solucionar esta questão.

Por essa razão a Antroposofia consiste inicialmente em um método científico moderno que representa uma continuação e ampliação da Ciência Natural no campo do mundo espiritual, onde se encontra a origem da verdadeira essência do ser humano. Rudolf Steiner descreve em sua obra com o cuidado e precisão rigorosos de um cientista, as mais diversas esferas suprasensíveis, tomando por base sua investigação espiritual, servindo-se do mesmo método fundamentado e realizado em suas primeiras obras filosóficas. As diferentes aplicações práticas dos resultados de suas pesquisas comprovam a cientificidade, profundidade e abrangência da Antroposofia.

**”A Antroposofia é um caminho de conhecimento que deseja levar o espiritual da entidade humana para o espiritual do universo. Ela aparece no ser humano como uma necessidade do coração e do sentimento, e deve encontrar sua justificativa no fato de poder proporcionar a satisfação dessa necessidade. A Antroposofia só pode ser reconhecida por uma pessoa que nela encontra aquilo que, a partir de sua sensibilidade, deve buscar. Portanto, somente podem ser antropósofos, as pessoas que sentem como uma necessidade de vida certas perguntas sobre a essência do ser humano e do universo, assim como se sente fome e sede.”**

Rudolf Steiner